

Entre conceitos e metodologias: considerações sobre o ato de escrever uma dissertação

Between concepts and methodologies: considerations
on the act of writing a thesis

Fábio Salun¹

Resumo

Apesar de ainda estar em processo de iniciar minha primeira dissertação busco por meio dessa reflexão fazer algumas considerações sobre o que venho passando e entendendo por uma pesquisa acadêmica. Pretendo me deter nos aspectos metodológicos da pesquisa, mas também em algumas outras questões que me parecem presentes durante o processo. Para concluir faço algumas considerações sobre o trabalho que venho fazendo e coloco a pesquisa como algo em aberto, que acontece no seu fazer e que exige do pesquisador uma relação íntima com ela.

Palavras-chave: Metodologia, processo, pesquisa.

Abstract

Although still in the process of starting my first dissertation seek through this reflection to make some considerations about what I've been going through and understanding for academic research. I intend to dwell on the methodological aspects of research, but also on some other issues that seem present during the process. Finally I make some considerations about the work I have been doing and put the research as something open, what happens in your doing and it requires the researcher an intimate relationship with her.

Keywords: Methodology, process, research.

ISSN: 2175-2346

¹ Artista plástico, fotógrafo, pesquisador e professor. tualmente é mestrando em Teoria e História da Arte pela UDESCerem. Ao longo desse tempo recebeu alguns prêmios entre eles o Prêmio Elisabete Anderle de Artes Visuais 2014, tem participado de exposições individuais e coletivas e de seminários de pesquisa por todo o país. Brasil. fabio.salun@gmail.com

Introdução

Este trabalho buscar fazer algumas considerações sobre o percurso de escrever uma dissertação. Apesar de não me sentir nem um pouco experiente com relação a isso (estou começando a minha dissertação), creio poder fazer algumas considerações do que estou entendendo por uma pesquisa e algumas particularidades que parecem surgir durante o percurso. O objetivo desse trabalho não é pensar a pesquisa de uma maneira precisa e cientificista, mas refletir sobre alguns dos fatores que permeiam a construção de uma pesquisa acadêmica.

Implicações metodológicas

Antes de tudo, uma dissertação possui questões metodológicas e técnicas a serem resolvidas. Em tese, estas questões parecem seguir um caminho linear, onde cada elemento ajuda e colabora aos métodos e conceitos que serão discutidos no trabalho. Para isso, parece ser necessário compreender o objeto de pesquisa que baseará o problema e que por sua vez vai permitir entender quais são os objetivos e poder justificá-los. Deve-se também pensar na metodologia que melhor se articula com as teorias e documentos a serem utilizados, de modo que ela possa embasar e dar significados à reflexão e que também ajudem a compreender os problemas em questão.

Para Freitas¹ "Uma tese é mais que uma boa ideia, é na essência uma boa pergunta", isso implica que antes de qualquer trabalho de pesquisa deve existir uma dúvida, algo a que se quer responder. Mas estas duvidas nem sempre parece clara e nítida, seja pela ampliação do referencial teórico durante o percurso da pesquisa ou mesmo pela falta inicial de clareza do que se quer pesquisar, o problema parece sempre fugidio e se transforma ao longo do percurso. A ampliação do referencial teórico ou mesmo a maturidade adquirida no período das disciplinas vão trazendo novas perspectivas ao trabalho. Conceitos que já pareciam compreendidos são colocados em questão por meio de outras teorias ou mesmo por outros pontos de vista o que transforma o problema do trabalho em um imenso espiral de ideias e conceitos e ao qual muitas vezes nada explica só confundem a cabeça do pesquisador, e como um fluído começa a adentrar e embaraçar nosso dia-a-dia.

Uma tese parece ter vida própria e expansionista. Uma das primeiras coisas que fazemos é trata-la como uma pessoa, mas não uma pessoinha qualquer. Logo descobrimos que essa tal pessoa é caprichosa, cheia de vontades, uma bichinha dominadora e autoritária que quer nos sujeitar (o que acontece na maioria das vezes) Aprendemos a lidar com ela como uma intrusa que vem devagarinho e ganha espaço.²

Além disso, sobretudo no campo da arte, existem trabalhos que nem sempre precisam conter tudo o que esperamos de uma tese ou dissertação. A pesquisa em

¹ In A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações / Lucídio Bianchetti, Ana Maria Neto Machado (organizadores) – 3 ed – São Paulo: Cortez, 2012. p 220.

² In A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações / Lucídio Bianchetti, Ana Maria Neto Machado (organizadores) – 3 ed – São Paulo: Cortez, 2012 p 221.

artes é um campo aberto e os resultados podem variar consideravelmente do que normalmente compreende-se como um trabalho acadêmico.

Em arte, a conclusão de uma pesquisa assume feição diferente. A apresentação dos resultados não é verbalizada, mas faz parte da própria obra realizada. As conclusões da pesquisa, portanto, não podem ser apresentadas pelo autor como fato único, quase imposto pelos pesquisadores: a conclusão definitiva deverá ser tirada pelos interlocutores da obra de arte, que interpretam e interagem com a obra.³

Assim, o ato de escrever uma tese, sobretudo no campo da arte parece ser uma aventura, cheia de altos e baixos e com uma série de desafios e barreiras que surgirão no meio do caminho. A tese de doutorado de Keila Kern "Marcel Brothaers, Museu de Arte Moderna, Departamento das Águias"⁴, por exemplo, não conta com uma introdução convencional mas com um trecho da poesia "jogo de dados" de Haroldo de Campos, da mesma forma o terceiro capítulo, "sessão documental", não conta com nenhum texto, apenas os documentos criados por Brothaers em seu museu fictício. Imaginar as questões e reflexões que ela passou para tomar estas decisões faz parte dessa aventura.

É fato que a autora respeita a medida do possível as necessidades acadêmicas tais como as referências, os lugares e dados dos documentos, além disso, também possui um referencial teórico que se mescla entre textos e entrevistas, contudo, esses elementos não aparecem como em uma escrita acadêmica habitual, são colocados no conjunto buscando contribuir a leitura do documento.

Partindo de um método de pesquisa teórico empírico Keila Kern, desenvolve uma pesquisa básica apoiada no levantamento de dados para fazer uma análise descritiva do museu criado por Brothaers. Na verdade, em seu trabalho não encontramos uma nova descoberta, nem a resolução de um grande problema, mas uma tradução poética ao português das ações de um artista e de um trabalho significativo no campo da arte. Suas referências são não apenas os conceitos escritos mas também os documentos deixados por Brothers ao longo de sua ação. Ao final da tese deixa ainda algumas entrevistas em francês que não foram traduzidas como material para próximas pesquisas.

Assim, mesmo a pesquisa acadêmica exigindo determinadas regras elas podem ser colocadas de lado dependendo do conteúdo e do teor do trabalho. Sua aventura parece residir no processo de fazê-la, e nas dobras e dobramentos a que ela vai nos levar.

A individualidade da dissertação

Toda tese ou dissertação envolve um problema particular:

A mais modesta das teses representa mais uma contribuição ao saber, seja pela inédita perspectiva que explora, seja pelo novo olhar que lança sobre uma bibliografia clássica, ela significa sempre mais uma possibilidade de provocar novos insights.⁵

³ ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

⁴ KERN, Keila. Marcel Brothaers, Museu de Arte Moderna, Departamento das Águias. IN: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-16102014-094023/pt-br.php> acessado em 05/05/2016

⁵ In A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações / Lucídio Bianchetti, Ana Maria Neto Machado (organizadores) – 3 ed – São Paulo: Cortez, 2012 p 216.

Portanto, uma tese ou dissertação é na realidade um ato criador e individual. Sandra Makowiecky ao pensar as lides dos orientadores nos fala que “a despeito de toda a relação de afeto e carinho que desenvolvemos com nossos orientandos, partindo do pressuposto que toda relação de aprendizagem necessita disso, cabe lembrar aos orientandos ele era ele, e eu era eu.”⁶ Cada qual tem suas percepções de mundo de modo que nenhuma forma de pensar é ou pode ser igual a outra, as vezes se assemelham, as vezes se distanciam, mas sempre haverá pontos diferentes a serem considerados.

Mas como criar algo próprio em meio a tantas possibilidades, além disso, como já foi dito, cada passo complica e reorganiza os passos anteriores e a cada leitura somos levados a outra e outra e por vezes parecemos perdidos no universo dos conceitos. Nesse sentido, parece ser na importância do referencial teórico que parece importar para que todas as informações possam se inter-relacionar, “é a familiaridade com o estado do conhecimento na área que torna o pesquisador capaz de problematizar um tema”⁷, Freitas ainda fala que “A má qualidade da revisão da literatura compromete todo o estudo”⁸, portanto, é ela que permite perceber e definir melhor o objeto de estudo e as bases as quais se norteiam as teorias, os procedimentos e instrumentos do pesquisador. Para Makowiecky⁹ seria uma satisfação se todos os orientandos pensassem como Borges e compreendessem o paraíso como uma biblioteca. Mais do que apenas ser o suporte onde se apoiam os conceitos e temas tratados o referencial teórico aponta as bases em que se norteiam a pesquisa.

Contudo, mesmo um bom referencial teórico não é garantia da realização de um bom trabalho, às vezes o entendimento e a relação destas teorias necessitam de um tempo, de um desvio para poderem se encontrar. De certa forma me parece que muito do trabalho acadêmico possui algo de um deixar rolar, ele não funciona sob nossas mãos e da maneira que queremos. É necessário levar em conta que as transformações que ocorrem durante o processo acabam por modificar e transformar todas as bases às quais havíamos nos apoiado e, portanto, momentos de descontração e de saída de foco podem ajudar as informações a se encaixarem e novamente (quem sabe) fazerem sentido.

Uma maçã por cair¹⁰



⁶ In Os impreteríveis da pesquisa: considerações sobre o estado da pesquisa em/sobre artes no PPVAG/VEART/UDESC/. Rosângela Miranda Cherem; Sandra Makowieck (Org.). Florianópolis: Coan, 2014 p 175.

⁷ In A bussola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações / Lucídio Bianchetti, Ana Maria Neto Machado (organizadores) – 3 ed – São Paulo: Cortez, 2012 p 30.

⁸ Op. cit. p 26

⁹ MAKOWIECK, Sandra. Orientação: Porque Ele é Ele e Eu Sou Eu. In: CHREM, R. & MAKOVWIECK, S. (orgs). Os impreteríveis da pesquisa: considerações sobre o estado da pesquisa em/sobre artes no PPVAG/VEART/UDESC/. Florianópolis: Coan, 2014, página 171

¹⁰ Tira de DAVIS, Jim. Garfield na balança. Cedibra editora brasileira LTDA, 1988

A tirinha acima nos foi apresentada em aula pela Prof^a Malu, a história de Issac Newton e o insight da gravidade por meio de uma maçã que lhe cai a cabeça é significativo para falar da escrita de uma dissertação. Ao que me parece, todos aqueles que se propõem a fazer uma dissertação estão esperando a queda dessa maçã, o momento do Insight, do cair de ficha e a completa compreensão daquilo que busca refletir. Mas onde reside esse insight? Existe uma maneira de alcançá-lo?

Ao que parece a dimensão da percepção e da consciência não conta com regras ou tempos específicos para que alguma coisa aconteça, ela é atemporal e discreta e tudo o que se pode fazer é dar elementos para que essa inteligência trabalhe, “a nossa capacidade de pensar ordenadamente necessita de treino, um fio condutor e estímulos concretos, que provem em parte de uma boa bibliografia”¹¹.

Outro fator importante do referencial bibliográfico parece ser que ele pode nos precaver de certos “erros metodológicos”, a exemplo disso pode-se citar a ligação de autores e teóricos que discutem por meio de abordagens e pensamentos diferentes, existem certas coerências metodológicas e uma boa bibliografia pode nos ajudar a evitar cometer tais falhas.

Penso que nessas duas áreas (do insight e dos erros metodológicos), também pode-se auxiliado pela pessoa do orientador, que não tem a missão de escrever ou entender o objeto de pesquisa do aluno, mas que pode, por sua experiência referencial muito maior e mais qualificado, guiar os pesquisadores em seu próprio processo de construção. Contudo, como dizia Makowiecky não podemos esquecer que, ao final de tudo, “ele era ele e eu era eu”.

É preciso ainda levar em conta que, mesmo um bom referencial teórico, mesmo com muita paciência, disciplina, e até mesmo (e por que não) teimosia, não são suficientes para garantir o *insight*, o pesquisador tem que estar sempre aberto e ter consciência das irregularidades e imprevisibilidades da pesquisa que pode nos fazer nadar e, no entanto, não nos levar a nenhum lugar.

Algumas considerações sobre a minha dissertação.

*Posso dizer o que quiser,
nuca saberei o motivo pelo qual se escreve,
nem como se escreve.*¹²

Como artista plástico e fotógrafo minha pesquisa busca se deter em problemas e conceitos que aparecem em minha produção plástica, basicamente sobre problemas do olhar e de suas relações com a linguagem da fotografia. Se posso dizer de um “sintoma” que aparece em meu trabalho plástico é a ideia de que minha fotografia percorre o campo do irreconhecível, utilizando técnicas de composição e iluminação fotográfica, acabo por distorcer a imagem de pequenos objetos de nosso cotidiano visual problematizando-os quanto a suas relações formais e de como elas jogam com a nossa percepção. É claro que até agora muito desse trabalho já se transformou, no

11 A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações / Lucídio Bianchetti, Ana Maria Neto Machado (organizadores) – 3 ed – São Paulo: Cortez, 2012 p 221

12 DURAS, Marguerite. ESCREVER. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Ed. Rocco, 1994, página 18.

período das disciplinas do mestrado, pude me encontrar com teóricos que eu não conhecia, e com ideias e conceitos que também permeiam minhas reflexões.

Penso que os ajustes e reconfigurações aos quais passaram meu projeto, conquanto possam ter parecido confusos durante o percurso, creio que ajudaram a definir meu foco e compreender mais de perto os problemas que eu estava procurando. Minha ideia inicial de trabalho era pensar “as problemáticas do olho e do olhar por meio da história da arte”, problema um tanto amplo e complexo, e como um iniciante, hoje reconheço não daria conta de responde-lo nesse percurso, mas acredito também que esse parece ser um erro comum a um aluno que ainda está adentrando a vida acadêmica.

Os conteúdos das disciplinas e também os diálogos com a orientadora permitiram, aos poucos, uma melhor definição de meu tema, que hoje circula a ideia da “fotografia e o irreconhecível” uma mudança um tanto drástica de objeto, mas que melhor define o problema que eu pretendia abordar.

Em resumo, trata-se de uma pesquisa básica apoiada em uma revisão bibliográfica e realizada a partir da leitura de imagens que dialoguem com o objeto em discussão, serão abordados fotógrafos como Hiroshi Sugimoto, Shinichi Maruyama, Wacław Wantuch entre outros e que vão me permitir melhor compreender as técnicas e conceitos que permeiam uma ideia de fotografia e o universo do estranhamento.

Quanto aos resultados, creio ainda ser muito cedo prever, mas o que posso ter certeza é que a escrita não dará conta de todas as idas e vindas desse processo, restando a vocês apenas visualiza-los no campo da imaginação.

Quando um livro está acabado – um livro que escrevemos, bem entendido – já não podemos dizer, ao lê-lo, que esse livro foi um livro escrito por nós, nem que coisas lá foram escritas, nem com que desespero, nem com que alegria, o de um achado ou de um fracasso de todo o nosso ser. Porque, no final, num livro, não é possível ver nada disso. A escrita é, de certa maneira, uniforme, ajuizada.¹³

Conclusões inconclusivas:

“Viver humanamente é uma
atividade sem garantia. Que seja!
A pesquisa tem muito disso.”¹⁴

Quando se busca fazer uma pesquisa acadêmica deve-se ter em mente que nada garante seus resultados, sendo realizadas por pessoas diferentes ela sempre contém essa essência de uma nova perspectiva com relação ao objeto de pesquisa, e isso por si só já é um ganho. Adentrar ao mundo acadêmico é se deparar com um vir a ser que nem sempre traz os resultados esperados ou grandes satisfações, seu fascínio parece não residir nos aspectos conclusivos, em seu final, mas na dúvida e em um eterno vir a ser.

13 DURAS, Marguerite. ESCREVER. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Ed. Rocco, 1994, página 31.

14 MAKOWIECK, Sandra. Orientação: Porque Ele é Ele e Eu Sou Eu. In: CHREM, R. & MAKOWIECK, S. (orgs). Os impreteríveis da pesquisa: considerações sobre o estado da pesquisa em/sobre artes no PPVAG/VEART/UEDESC/. Florianópolis: Coan, 2014, p 167

O pesquisador tem um empuxo, um *elan*, que lhe impele a pesquisar e descobrir, seu interesse parece ser justamente a impossibilidade de conhecer tudo, mas de poder transitar no mundo das ideias. Cada nova informação é importante, cada nova informação é um novo universo que se desdobra em tantos outros e mesmo perdidos em um redemoinho de ideias somos sempre tentados a nos aprofundar.

Para finalizar gostaria de trazer uma citação de Argabem, que ao fazer uma leitura da Teodicéia de Leibniz levanta um diálogo muito cabível com o que tenho entendido pelo universo da pesquisa.

Na teodiceia, Leibniz justificou o direito do que foi contra o que podia ser e não foi, com um apólogo grandioso, mas terrível. Prolongando a história de Sexto Tarquínio, narrada por Lorenzo Valla no seu diálogo sobre o livre-arbítrio, ele imagina uma imensa pirâmide de ápice resplandecente, e cuja a base desce ao infinito. Cada um dos inúmeros apartamentos que compõem tal “Palácio dos Destinos” representa um destino possível de Sexto, a que corresponde um mundo possível, que, no entanto, não se realizou. Em cada um deles, Teodoro, que a deusa Atenas transportou por encanto para o palácio, contempla uma existência possível de Sexto “em um só golpe de olhar, como acontece em uma representação teatral”. “Ingressou em outro apartamento, e eis um novo mundo e outro Sexto...Os apartamentos formavam uma pirâmide e tronavam-se mais belos à medida que, subindo para o ápice, representavam mundos melhores. Alcançaram finalmente o lugar mais elevado, que terminava a pirâmide, e era o mais esplêndido de todos; com efeito, a pirâmide tinha um início, mas não se via seu fim; tinha um vértice, mas nenhuma base, pois esta se alargava ao infinito. Isso acontece – explicou a deusa – porque entre uma infinidade de mundos possíveis, existe um que é o melhor de todos, do contrário Deus não poderia tê-lo criado; mas não há nenhum que não tenha abaixo de si um menos perfeito: por isso a pirâmide desce sem fim.”¹⁵

Referências

ALVES,-MAZOTTI, Alda Judith. “A revisão da bibliografia” em teses e dissertações : meus tipos inesquecíveis – o retorno. In BIACHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. (orgs). *A bússola do escrever*. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC, 2006, páginas 25 a 44.

ARGAMBEM, Giorgio. *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DURAS, Marguerite. *ESCREVER*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Ed. Rocco, 1994, páginas 13 a 56.

FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso. In: BIACHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. (orgs). *A bússola do escrever*. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC, 2006, páginas 215 a 226.

KERN, Keila. Marcel Brothaers, Museu de Arte Moderna, Departamento das Águias. IN: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-16102014-094023/pt-br.php> acessado em 05/05/2016.

¹⁵ In ARGAMBEM, Giorgio. *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p 251

MAKOWIECK, Sandra. Orientação: Porque Ele é Ele e Eu Sou Eu. In: CHREM, R. & MAKOVWIECK, S. (orgs). *Os impreteríveis da pesquisa: considerações sobre o estado da pesquisa em/sobre artes no PPVAG/VEART/UDESC/*. Florianópolis: Coan, 2014, páginas 164 a 175.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.